

O ESTADO DE S. PAULO

7) Julio de Mesquita Filho (1927-1969)

ANO 123

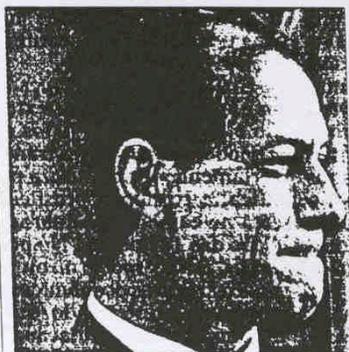
DOMINGO

Nº 39786

SÃO PAULO, 22 DE SETEMBRO DE 2002

Francisco Mesquita (1927-1969) Julio de M

ELEIÇÕES 2002



Propostas sociais esbarram no limite da evolução econômica

Os temas sociais, tão citados no início da campanha à Presidência da República, ocupam o terceiro plano no horário eleitoral gratuito, sobrepuidos por emprego e segurança. Os quatro principais candidatos dizem pretender ampliar o Sistema Único de Saúde (SUS), reduzir a mortalidade infantil e erradicar o analfabetismo, entre ou-

tras metas sociais, mas todos admitem que tudo está na dependência do desempenho da economia. O economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), analisa: "A economia tomou conta do debate, o que é compreensível, mas a área social não pode ficar só na dependência de seu crescimento."

Págs. A4 e A5

Planos põem agenda social a reboque da economia

Segundo analista, programas dos quatro candidatos à Presidência não passarão de palavras vazias se não houver crescimento

SILVIO BRESSAN

A troca de promessas por metas e a dependência quase total do crescimento econômico marcam a agenda social dos principais candidatos à Presidência. Tamanho pragmatismo seria elogiável, não fosse o contraste entre o excesso de bordões e a falta de propostas criativas para superar os limites do Orçamento. Expressões como "erradicação do analfabetismo" estão em todas as propostas e soam bonito, mas não passarão de palavras vazias se a economia brasileira não apresentar um crescimento satisfatório.

Esta, pelo menos, é a avaliação do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). "A economia tomou conta do debate, o que é compreensível, mas a área social não pode ficar só na dependência do seu crescimento", adverte o economista. "Como os limites para esse crescimento são muito grandes e dependem de fatores externos, seria melhor que os candidatos deixassem claro formas alternativas para enfrentar os problemas sociais", considera Neri.

Ele também lamenta que os temas sociais, tão citados no início da campanha, tenham ficado em segundo plano no horário eleitoral gratuito. "O social foi trocado pelo emprego, que é uma parte importante mas não resume todo o problema social, e pela segurança", constata ele. "Na hora de decidir seu voto, o eleitor está sem saber o que e como, de fato, cada candidato fará por essa área."

Por essa razão e pela importância do tema, o Estado resolveu abordar novamente os candidatos sobre educação, saúde, educação, previdência, assistência social/combate à fome, emprego, saneamento/habituação e agricultura/reforma agrária. De uma forma geral, todos pretendem ampliar o Sistema Único de Saúde (SUS), reduzir a mortalidade infantil, erradicar o analfabetismo e criar milhares de empregos.

Existem algumas diferenças pontuais, como a manutenção da Contribuição Provisória so-

bre Movimentações Financeiras (CPMF), que Anthony Garotinho (PSB) quer extinguir e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fala em reduzir. José Serra (PSDB) e Ciro Gomes (PPS) concordam em trocar o vestíbulo por um sistema de avaliação, mas enquanto o tucano desfila números (1,5 milhão de casas por ano e 8 milhões de empregos), Ciro critica a fixação de metas ambiciosas, que considera "demagógicas".

Coincidências – Apesar das divergências, há muito mais coincidências entre as propostas dos candidatos. O excesso de programas assistencialistas e a dependência do desempenho da economia estão presentes em todos os discursos. "Será necessário, por um tempo, agir de forma assistencialista", admite Lula. O candidato petista, porém, acha que esses programas, como o Fome Zero, representam mais investimento do que gasto. Ele também confirma a meta de 10 milhões de empregos, que virou

polêmica no horário eleitoral depois que o candidato explicou se tratar de uma meta, não de uma promessa.

Sem essa ressalva, Serra insiste em

fixar números, como a redução da mortalidade infantil de 29,6 para 20 por mil nascidos vivos e o aumento das equipes do Programa de Saúde da Família 15 mil para 45 mil. Números também parecem não ser problema para Garotinho. De saída, ele promete um cheque de R\$ 4 bilhões para programas emergenciais. Sobraria dinheiro também para 4,2 milhões de bolsas de estudos, 1 milhão de cheques-cidadania e abertura de 400 restaurantes populares.

Entretanto, mesmo a generosa proposta de Garotinho está condicionada às variáveis econômicas, como a redução da taxa de juros. Já nas respostas de Ciro, a melhoria da economia é uma premissa básica. "Somente o crescimento pode criar empregos de maneira sustentável", afirma. Serra também adverte que suas promessas dependem de um cenário mais favorável, mais precisamente um crescimento de 4,5% no PIB nacional.

